

**CR****correio do povo rural**

Coordenação: Elder Ogliari | rural@correiodopovo.com.br

Reportagem: Nereida Vergara | Ano: 37 Número: 1.934

GUILHERME TESTA / CP MEMÓRIA

# Sucesso gera novo desafio

Exportação brasileira de produtos agroindustriais atendeu necessidades chinesas, aumentou volume de negócios e começa a motivar a discussão de estratégias para evitar dependência do parceiro comercial

**NEREIDA VERGARA**

A o mesmo tempo em que comemoram o aumento da exportação de produtos agroindustriais para a China, que tem apresentado números robustos neste ano, lideranças e analistas brasileiros falam abertamente em evitar a dependência que a concentração de vendas em um só cliente pode criar. A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, demonstrou preocupação com isso no início de junho, ao dizer que assim como a China não pode ficar atrelada a um único fornecedor, o Brasil tem de procurar novos mercados. Na semana passada foi a vez do presidente da Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS), Losivanio Luiz de Lorenzi, apontar a dependência do país oriental como um risco e sugerir que a oferta do setor não aumente desordenadamente visando à exportação, o que considerou como um movimento arriscado para o momento. “Se tivermos qualquer problema com os chineses não conseguiremos absorver o excedente da produção”, analisou.

Mas não é por eventuais possibilidades negativas futuras que fatores incontornáveis internamente, como câmbio, acordo da China com os Estados Unidos e erradicação da peste suína africana no sudeste asiático podem trazer que alguém recomende perder as chances que o momento traz. Analistas de mercado, autoridades públicas e produtores dizem que o país deve aproveitá-las com as cautelas necessárias e mantendo o foco na diversificação de mercados.

Entre as preocupações que demonstrou, a ministra citou especialmente a que tem com a soja. De acordo com um diagnóstico feito pela Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja), dos 120 milhões de toneladas de soja produzidos na safra 2019/2020, 77 milhões serão exportados e, destes, 66 milhões irão para a China. No ano passado, o Brasil exportou 62,8 bilhões de dólares para o mercado chinês, o que correspondeu a 28,1% do total das exportações brasileiras no período. A oleaginosa rendeu sozinha divisas de 20,5 bilhões de dólares, cerca de um terço de todo o faturamento relacionado ao país asiático, que inclui ainda produtos como carnes bovina, suína e de frango, derivados de petróleo e celulose. Somente de janeiro a maio de 2020, segundo o Comex Stat – portal estatístico do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – as vendas de soja para o mercado chinês já superaram os 27 bilhões de dólares.

O economista-chefe da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Antônio da Luz, que coordena o Relatório de Comércio Exterior do Agronegócio do Estado, apurado sistematicamente pela entidade, define a discussão sobre a dependência do Brasil do mercado chinês como “infrutífera”. Para Da Luz, a China vive um ciclo de crescimento, que se iniciou há cer-

ca de 30 anos, com a melhora da condição de vida de seus cidadãos e consequentemente do consumo. “É um país com 1,2 bilhão de habitantes que aumentou a renda per capita de forma significativa, o que possibilitou um padrão de consumo consistente, que não vai regredir”, ressalta.

De acordo com Da Luz, mais preocupante do que as exportações brasileiras serem direcionadas à demanda oriental é o país vir a perder a chance de protagonismo neste mercado pelo envolvimento de seus líderes nas desavenças entre Estados Unidos e China. Este sim, diz ele, é um erro estratégico, que inclusive já mostrou seus efeitos nas exportações do Brasil para o país asiático no ano passado. “O Brasil não deve se envolver em discussões políticas que não lhe dizem respeito, vai sair perdendo”, completa o economista, pontuando que o fato de a China ter um governo comunista é um assunto da sua população e não de seus parceiros comerciais.

## VÁLVULA DE ESCAPE

Na mesma linha de raciocínio, o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplag), Rodrigo Daniel Feix, aponta que no Rio Grande do Sul, assim como no restante do Brasil, não há como o agronegócio prescindir do mercado que a China representa. Feix explica que, desde a crise de 2014, o país vive uma situação de baixo dinamismo econômico e as exportações têm sido a válvula de escape para isso. Cerca de 70% de tudo que o Estado produz, pondera o pesquisador, vai para outros estados ou para fora do país.

“Certamente há risco nesta relação, como é o caso da consolidação de um acordo em que a China concorde com cotas de importação dos Estados Unidos, comprando menos de outros parceiros, mas está longe, no momento, de ser prejudicial para o Brasil aproveitar a demanda chinesa pelos seus produtos do agro”, complementa.

Segundo Feix, a China foi compradora de 23,6% do valor total vendido pelo agronegócio gaúcho ao Exterior no primeiro semestre deste ano, de 1,8 bilhão de dólares. Houve queda no complexo soja, mas crescimento significativo nas exportações de suínos e aves, ainda em resposta à demanda por proteína animal provocada pela peste suína africana na Ásia.

Marcos Araújo, analista da Agroinvest Commodities, de Curitiba, afirma que é pouco provável que o Brasil sofra algum tipo de desabastecimento em função das compras chinesas, que, no caso da soja, devem se concentrar nos Estados Unidos a partir de setembro, em razão de preços mais vantajosos. “Ano bom para o produtor rural é o ano que tem lucro”, define.

**66 milhões**

de toneladas é a quantidade de soja que o Brasil exportará para a China em 2020, volume que corresponde a mais da metade da colheita do país, estimada em 120 milhões de toneladas.

Fonte: Aprosoja Brasil



Câmbio do momento torna operações com soja atrativas tanto para vendedores brasileiros quanto para compradores chineses

# Salto

A importação de alimentos pela China começou a ganhar escala no final dos anos 80 e acompanhou os avanços econômicos daquele país. O pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplog), Rodrigo Daniel Feix, lembra que as compras de soja no mercado mundial se firmaram no início dos anos 2000, quando os chineses aumentaram os investimentos nos rebanhos próprios para enfrentar o crescimento populacional. “A cadeia da soja sustentou a produção de proteína animal”, destaca.

Eventos sanitários como a peste suína africana, que dizima plantéis suínos asiáticos desde o final de 2018, acabaram por fazer da China, além de um grande comprador de soja, um grande comprador de carnes, favorecendo a produção brasileira e gaúcha de proteína animal. Feix diz que “é claro que o Brasil e o Rio Grande do Sul têm que tomar cuidados no sentido de diversificar seus mercados”, mas ressalva

## Saída é diversificar

Flutuações econômicas e políticas são apontadas por professores de Economia como sinais de problemas quando se aposta em um só mercado

Do ponto de vista da estratégia econômica pode haver alguma dose de risco nas exportações concentradas numa pauta restrita de produtos com destino a um único país. Mas que alternativas teria o produtor brasileiro diante de um comprador ávido e disposto a pagar seu preço? Professores da área de Economia indicam que, talvez, a resposta seja “vender diferente”.

Nilson Costa, do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), acredita que o produtor está certo em aproveitar o momento. “Não se trata de o Brasil depender da China, se trata de um espaço do tempo no qual as condições estão boas para ambos os lados”, afirma. No momento, a agropecuária brasileira tem contabilizado bons preços para seus produtos com base na variação cambial, a mesma que torna atrativa a operação para o comprador, que pode adquirir muito mais com cada dólar investido. “Como política de governo, no entanto, a diversificação de mercados e produtos a serem exportados é uma obrigação, uma vez que todas as nações estão sujeitas a revezes econômicos, o que torna muito perigoso depender de um destino em particular”, avalia Costa.

A longo prazo, o professor entende que há uma tendência de o relacionamento comercial entre Brasil e China sofrer influência determinante do resultado das eleições nos Estados Unidos, que ocorrem em novembro de 2020, e que podem tanto acentuar o interesse chinês pelos produtos brasileiros como provocar um efeito contrário. “Se Donald Trump for eleito e mantiver suas políticas internacionais, o afastamento entre Estados Unidos e China vai aumentar e isso vai con-

solidar, de forma muito natural, o Brasil como o principal ofertante de produtos agropecuários para a China”, prevê. Por outro lado, a vitória do democrata Joe Biden pode sinalizar tempos menos conflituosos entre as duas potências e um equilíbrio maior nas relações comerciais entre elas, explica.

O professor do Programa de Pós-Graduação de Economia da Unisinos, Marcos Lelis, observa aumento da dependência do Brasil das compras chinesas e ressalta que, em 2020, a situação se acentuou ainda mais, com 32% do total das exportações brasileiras – até maio – direcionadas para o gigante asiático. Lelis acredita que, mais do que o volume, o que tem realmente trazido preocupação é a grande concentração dessas vendas nos produtos de origem primária. “Nossa exportação está baseada em commodities, grãos, carnes, petróleo e minérios, principalmente, cujos preços são definidos pelo mercado internacional”, lembra. Se o Brasil investisse numa pauta exportadora com mais produtos manufaturados, cujos preços são definidos dentro do país, de acordo com o professor, o panorama seria menos sujeito a oscilações.

Em suas análises, Lelis também pondera que a China vem tentando melhorar seus perfis de segurança alimentar e energética no sentido de ser mais independente de importações e que, isto, nos próximos anos, pode afetar o Brasil se este não ajustar sua pauta comercial para aquele mercado. “O nosso problema, na verdade, não é a dependência da China ou a China em si, mas sim o foco em produtos commodities e não naqueles em que as decisões nacionais de estabelecimento de preços tornariam os resultados mais seguros”, sustenta o professor.

# na demanda de carnes

que, especificamente no caso das carnes, devem sim aproveitar a onda exportadora, exercitando sua capacidade de produção e também os benefícios que isto traz na geração de empregos para o setor.

Na mira dos compradores chineses há pelo menos dois anos, a produção de carnes do Estado ganha espaço cada vez maior naquele mercado. Dados da Associação Brasileira de Produção Animal (ABPA) indicam que as exportações gaúchas de frango atingiram 585,8 mil toneladas de janeiro a dezembro do ano passado, com 40,5 mil toneladas enviadas para a China. Em 2020, apenas no primeiro trimestre, os embarques do mesmo produto chegaram a 166 mil toneladas e a fatia chinesa atingiu 16,4 mil toneladas. Esse volume correspondeu a 40% de todas as exportações gaúchas de frango para aquele país em 2019. A participação relativa subiu de 7% em todo o ano passado para 10% nos primeiros três meses deste ano.

O diretor executivo da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), Eduardo San-

tos, considera necessário ser cauteloso em relação a esta movimentação. Ele diz que o mercado chinês exige da avicultura investimentos em adequações – tendo em vista os cortes que o país importa, como coxas, asas e pés de frangos –, o que faz com que as empresas avícolas já tenham em seu planejamento a diversificação de destinos para sua produção.

“A China tem alto poder de compra, mas seu processo de importação é demorado e permeado pelos altos e baixos do país nas relações comerciais com os Estados Unidos e também por exigências sanitárias que frequentemente mudam”, observa. Santos lembra a relação de dependência que a produção gaúcha de carne suína tinha com a Rússia há alguns anos, os problemas derivados dessa concentração e a necessidade que o setor teve de buscar novos destinos para se estabilizar. “A avicultura aprendeu com essa experiência”, acrescenta.

Conforme a ABPA, no caso da carne suína, o desempenho do Rio Grande do Sul no primeiro trimestre foi ainda mais significa-

tivo. Em todo o ano de 2019, o Estado exportou 169,2 mil toneladas de carne suína, das quais 63,4 mil toneladas para a China. No primeiro trimestre de 2020, as exportações do segmento chegaram a 49,3 mil toneladas, 32,8 mil das quais para o mercado chinês. Em resumo, em apenas três meses de 2020 as vendas para a China chegaram a 51% do total do ano inteiro de 2019.

O diretor-executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado do Rio Grande do Sul (Sips), Rogério Kerber, considera a concentração de vendas em único mercado desaconselhável em qualquer circunstância, mas lembra que ela obedece, no caso da China, a uma necessidade específica, que é o suprimento de carne em função do prejuízo trazido ao país asiático pela peste suína africana. “Temos de acessar outros mercados e a retirada da vacina contra a febre aftosa vai nos dar esta chance, porque a China não vai ter a demanda de importações aquecida indefinidamente, está trabalhando para recompor seu rebanho suíno e conseguirá”, prevê.

## 51%

Foi o índice de **crescimento das exportações de carne suína** do Rio Grande do Sul para a China no primeiro trimestre de 2020, em relação a todo o ano passado. Na mesma comparação, a carne de frango avançou 40%.



## CORTES BOVINOS ABREM ESPAÇO

A evolução crescente das condições de renda e de acesso a novos hábitos alimentares despertou o interesse dos chineses também pela carne bovina do Brasil. Somente no ano passado, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), a China ficou com 26,7% (494 mil toneladas) de toda a carne bovina exportada pelo Brasil. De acordo com a Abiec, a tendência deve se confirmar em 2020 e incluir também itens pouco comuns, como os cortes gourmet.

É neste cenário que vêm se consolidando as vendas da Carne Angus Certificada do Brasil. A gerente nacional do programa, Ana Doralina Menezes, afirma que os números do primeiro semestre de 2020 devem se repetir e até se ampliar na segunda metade do ano. De janeiro a maio de 2020, o (Programa) Carne Angus exportou 194,4 toneladas de cortes (entre eles produtos premium como entrecot, picanha e filé), 66,4% do total vendido ao longo de todo o ano de 2019. “Se o mercado chinês mantiver o ritmo das compras, é possível que se feche o ano com números próximos ou superiores ao recorde da raça, de 2017, quando se exportou 406 toneladas”, projeta.

Ana diz que o crescimento deste comércio se deu graças a um longo trabalho de prospecção da Angus que identificou uma parcela de consumidores mais criteriosa, exigente e disposta a pagar mais. “O chinês está indo além do consumo da carne bovina comum e querendo usufruir de uma carne com sabor e maciez, de origem comprovadas”, observa. Conforme a executiva, as exportações de carne bovina demonstram a força que o Brasil vem conquistando no segmento, não apenas como exportador de carne commodity. “A carne Angus brasileira já é referência internacional e foi exportada para mercados exigentes, como a Alemanha e Emirados Árabes. Recentemente, abrimos mercado nas Bermudas”, completa Ana.

No ano passado, o país asiático comprou 26,7% de toda a carne bovina exportada pelo Brasil

# Mais movimento no Porto

Cargas de soja corresponderam a 84,8% das 5,25 milhões de toneladas de produtos embarcados para a China no terminal de Rio Grande de janeiro a maio deste ano

Somente de janeiro a maio de 2020, o Porto de Rio Grande embarcou em seus terminais 5,25 milhões de toneladas de produtos destinados à China, 28,6% a mais do que no mesmo período de 2019, quando o volume chegou a 4,0 milhões de toneladas. Do total exportado até maio deste ano, 84,8%, (4,45 milhões de toneladas) foram de soja em grão. O país asiático também comprou do Rio Grande do Sul carregamentos de madeira, celulose, farelo e óleo de soja, entre outros produtos.

O superintendente do Porto de Rio Grande, Fernando Estima, destaca que a China é o principal cliente do produto soja, o que tem saída marítima mais volumosa do Estado. Ele observa que a quantidade de soja em grão exportada nos primeiros cinco meses de 2020 superou todo o volume de produtos destinados ao país asiático no mesmo período do ano passado. “Neste ano, as exportações se intensificaram novamente no caso da soja, atendendo às condições do momento, que favorecem a busca do grão pelos chineses no Brasil”, diz.

Estima ressalta que do ponto de vista portuário é difícil enxergar o Rio Grande do Sul como dependente das exportações para a China, uma vez que somente o Porto de Rio Grande tem um relacionamento com mais de 90 países do mundo para os quais envia produtos. “Temos grandes exportações de carne, de arroz,



CCGL / DIVULGAÇÃO / CP MEMÓRIA

de tabaco e de produtos manufaturados, nos diversos terminais do porto”, salienta. O superintendente relata ainda que não existem recomendações especiais para o embarque de mercadorias destinadas à China e que mais de 80% de todas as operações do porto seguem normas de navegação padronizadas. O único país que faz exigências pontuais nos embarques, segundo Estima, são os Estados Unidos.

**Do complexo portuário gaúcho saem cargas para pelo menos 90 países do mundo**

## COTAÇÕES & MERCADO

**GUAÍBA CORREIO RURAL**

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA  
101.3FM 720AM

### UPREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	57,00	61,17	67,00
Feijão	saco 60 kg	150,00	193,13	240,00
Milho	saco 60 kg	40,50	44,09	50,00
Soja	saco 60 kg	100,00	104,69	112,00
Sorgo granífero	saco 60 kg	34,40	36,20	38,00
Trigo	saco 60 kg	50,00	54,10	56,00
Boi gordo	kg vivo *	6,90	7,43	8,00
Vaca gorda	kg vivo *	6,00	6,54	7,20
Búfalo	kg vivo	6,00	6,20	6,40
Cordeiro p/ abate	kg vivo	6,50	7,28	9,00
Suíno tipo carne	kg vivo	3,10	4,16	4,99

Semana de 06/07/2020 a 10/07/2020 | \* Prazos de 20 ou 30 dias

### BRASIL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2018/19	Safra 2019/20
Arroz	10.483,6	11.168,2
Feijão	3.017,7	3.156,1
Milho	100.042,7	100.559,5
Soja	115.029,9	120.883,2
Trigo	5.154,7	6.315,9

### Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2018/19	Safra 2019/20
Arroz	1.702,5	1.665,5
Feijão	2.922,2	2.929,3
Milho	17.492,9	18.439,9
Soja	35.874,0	36.944,9
Trigo	2.040,5	2.319,4

### RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2018/19	Safra 2019/20
Arroz	7.389,1	7.866,9
Feijão	95,0	77,2
Milho	5.768,1	3.935,6
Soja	19.187,1	10.853,4
Trigo	2.207,7	2.489,3

### Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2018/19	Safra 2019/20
Arroz	1.001,1	946,0
Feijão	56,1	55,6
Milho	753,9	791,4
Soja	5.777,5	5.901,8
Trigo	735,9	905,2

Dados do 10º Levantamento de Safra 2019/2020 da Conab



## CAMPEREADA

PAULO MENDES  
pmendes@correiodopovo.com.br

### Última gineteada

#### O cavalo

Nascera num fundo de campo, o Mourinho, filho da égua Miloca, famosa na Estância dos Afogados, aquela lindeira do rio Guassupí Mirim, conhecida pela grama forquilha, pelo pasto tão verde e forte que engordava os novinhos bem antes da primavera, ainda no fim do inverno. O pai era um garanhão do Exército, grande, alto, cola tosada no sabugo. Quando buscaram o Mourinho, junto com a mãe, já se mostrara caboteiro, correra feito um alucinado pelas covancas e várzeas. Audacioso. Foi uma dificuldade para o levarem até a mangueira, perto das casas, para olharem de perto o potrilho. Seu Neto disse “será um lindo pingão, tem boa formação de ossos, complexão muscular, excelentes encontros, porém tem gênio ruim, já vi pelos olhos...” E assim foi, o potro cresceu lindo. Quando desmamado e castrado se mostrou terrível, deu muito serviço para segurá-lo. Numa patada arreventou o laço de uma das patas e estourou o tórax de um peão, coitado, que não teve chances, ainda tão novo, mas morreu daquele jeito. O bicho era medonho, sempre fora. Quando chegou a hora da doma, todos se perguntaram, quem seria o amansador?



#### O ginete

Era filho do finado Libino Salcedo, o cuera que domara quase toda a cavalaria daquele lado do Jacuí e que havia sido uma lenda. Gineteava só nos bastos, sem pelegos ou só com um, pequeno, e não calçava botas para esta atividade. “Bota não serve pra amansar baldoso”, explicava o Libino, e calçava as chilenas direto nos pés, com os tentos atados nas canelas. Não enfiava o pé no estribo, apenas o dedão, e isso foi o que o salvou de tantas rodadas. Ninguém mais gineteou como ele, foi único. Também não usava relho, era um pala colorado, que lhe dava segurança e equilíbrio. Mas o filho não seguia as mesmas regras. Olhava os cavalos dentro dos olhos para lhes di-



“E saíram naquela toada, aos saltos, iam para o céu e voltavam, o ginete com uma mão nas rédeas, a outra no pala listrado.”

zer quem era, que não adiantava berrar. E logo ia enfiando o bocal, preso a duas rédeas compridas e trançadas.

#### O encontro

Foi ao redor do palanque na Fazenda do Redomão, dos irmãos Quevedo. Chamaram o ginete para ver se aguentava o Mourinho, que não aceitava arreo de jeito nenhum. O ginete era palanqueiro, não se importava com o pelo, marca ou sinal. Caboteiro era caboteiro. Depois que o ataram, foi botando o xergão, os bastos, apertou a cincha, o Mourinho se encolheu, ajeitou um pelego, o cinchão. Então, tapeou o chapéu de barbicacho, atou as chilenas e saltou no lombo, se estribou, tiraram a estopa dos olhos e o ginete pediu: “Soltem.” E saíram naquela toada, aos saltos, iam para o céu e voltavam, o ginete com uma mão nas rédeas, a outra no pala listrado. Atravessaram o banhado, cortaram a coxilha e desapareceram por duas horas. Quando surgiram, ao longe, vinham cansados. O Mourinho tranqueava, suado, de focinho baixo. O ginete mantinha o olhar altivo. Apeou e atou o cavalo no palanque. Então, falou: “Este aí tá manso até pra selim de china”. E nunca mais domou. Foi sua última gauchada. Nunca disse a ninguém os motivos daquela decisão...